

A leitura em voz alta a serviço da escrita

Vanilda Salton Köche*

Voltei a tentar, apanhei, cá, levantei - até que um dia escrevi uma história que quando li de cabeça fria, achei que não estava ruim; com uns consertos aqui e ali, ela ficaria apresentável. Consertei, e gostei do resultado. Animado, escrevi outras e outras histórias, nessa batalha permanente, mas é uma batalha curiosa: as derrotas que a gente sofre nela não são derrotas, são lições para o futuro.

José J. Veiga¹

Resumo

A leitura em voz alta é uma atividade essencial no melhoramento da escrita, uma vez que antecede o processo de reescritura. Ela valoriza a produção do aluno e favorece uma interação na sala de aula.

Palavras-chave: leitura, escrita, produção textual.

* Professora das disciplinas de Estudo e Produção de Textos I e II e Língua Portuguesa Instrumental da Universidade de Caxias do Sul, Campus Universitário da Região dos Vinhedos. Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹ *Para gostar de ler*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1988. v. 8. p. 7.

Introdução

No trabalho pedagógico com alunos de 3º grau, nas disciplinas de produção textual, constatamos que eles chegam à universidade sem o hábito da leitura em voz alta de seus próprios textos, surpreendendo-se quando solicitados a fazê-la. No entanto, essa modalidade de leitura assume um estatuto de grande relevância no ensino, uma vez que destitui a escrita de um processo artificial, porque há a presença real do interlocutor e, por isso, deve ser mais bem explorada.

Este artigo pretende discutir a importância da leitura em voz alta por ser um valioso auxiliar na produção escrita dos alunos. Fundamentam este trabalho, especialmente, as reflexões de Bakhtin (1981), Geraldi (1993), Guedes (1994), Chippini e Marques (1984), Contreras et al.² (1969), Smith (1993), Brito (1984), Fiad e Mayrink-Sabinson (1993), Freire (2001) e Köche (1996). Inicialmente, definimos a leitura em voz alta, sua inserção na concepção interativa da linguagem e o papel que ela desempenha no texto; em seguida, explicitamos suas aplicações e, finalmente, abordamos a prática pedagógica voltada a essa modalidade de leitura.

Leitura, linguagem e texto

Contreras et al. (1968, p. 66), baseados na definição formalista, entendem a leitura em voz alta como o reconhecimento e a interpretação dos símbolos da escrita e sua tradução em sons articulados. Essa modalidade de leitura é tão significativa para o ensino quanto a leitura silenciosa; no entanto, sua função é distinta e, por isso, não

se deve disputar a prioridade, uma vez que as duas têm funções específicas e objetivos concretos. Nesse sentido, Contreras et al. afirmam que “uma e outra forma de leitura são igualmente importantes para o educador, porque, fora da linha de demarcação dos imperativos da leitura oral e da leitura silenciosa, existe um denominador comum, um fim superior que as iguala: serem formativas para o ser humano” (1969, p. 71).

A prática da leitura oral favorece a interação entre as pessoas, contribuindo para o aprimoramento tanto da escrita, quanto da leitura e para o desenvolvimento global da capacidade comunicativa. A interação da linguagem constitui a realidade fundamental da língua. Para Bakhtin, “a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo seu fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações” (1981, p. 123). Segundo o autor, “a palavra dirige-se a um interlocutor; ela é função desse interlocutor que não pode ser abstrato, pois não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio, nem no sentido figurado” (1981, p. 112).

A palavra, portanto, existe em função do interlocutor. Para Bakhtin, ela comporta duas faces: é determinada tanto por quem fala como por quem ouve, constituindo justamente o produto da interação entre o locutor e o ouvinte, servindo de expressão de um em relação ao outro. É o elo de ligação entre eles, uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros; se ela

se apóia sobre mim numa extremidade, na outra, apóia-se sobre meu interlocutor (1981, p. 113).

A significação da palavra não está nela mesma, mas no resultado da interação entre o locutor e o receptor; depende da intenção do locutor em manifestar uma significação e da sintonia do receptor em interpretar essa significação com o seu mundo de significações. Em relação a isso, Bakhtin afirma:

A significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro. É como uma faísca elétrica que só se produz quando há contato dos dois pólos opostos. Aqueles que ignoram o tema (que só é acessível a um ato de compreensão ativa e responsiva) e que, procurando definir o sentido de uma palavra, atingem o seu valor inferior, sempre estável e idêntico a si mesmo, é como se quisessem acender uma lâmpada depois de terem cortado a corrente. Só a corrente da comunicação verbal fornece à palavra a luz da sua significação (1981, p. 12).

Na leitura em voz alta, portanto, o indivíduo coloca-se na posição do locutor que pressupõe um receptor. No momento da leitura, concretiza-se a comunicação entre os dois.

A partir da compreensão da linguagem como um processo de interlocução, entendemos o ensino da escrita como a realização de um processo eminentemente social, coletivo, num espaço de interação entre professor, e aluno. Nessa interação, o aluno constrói seu próprio conhecimento em parceria com o professor, que atua como um facilitador e um guia em direção a metas estabelecidas. Surge, assim, o novo conceito de aluno, um sujeito individual, participante ativo, crítico, co-responsável pelo processo educacional.

O texto resulta de uma situação de interlocução, num processo de construção e

produção. A sua efetivação ocorre no momento em que é dado a público. Isso quer dizer que a sua leitura é fundamental para que um texto se concretize, uma vez que ele só existe em função do outro. Nessa perspectiva, para Geraldi:

Um texto é uma sequência verbal escrita coerente formando um todo acabado, definitivo e publicado; onde publicado não quer dizer "lançado por uma editora", mas simplesmente dado a público, isto é, cumprindo sua finalidade de ser lido, o que demanda o outro; a destinação de um texto é a sua leitura pelo outro, imaginário ou real; a publicação de um texto poderia ser considerada uma característica acessória, entendendo-se que um texto não publicado não deixa de ser um texto. No entanto, o sentido que se quer dar aqui a publicado é o sentido de destinação a, já que um autor isolado, para quem o outro inexistia, não produz texto (1993, p. 100).

Com essas características, Geraldi chega a um conceito operatório de texto: "Um texto é uma sequência verbal escrita formando um todo acabado, definitivo e publicado" (1993, p. 101). Assim, a leitura em voz alta cumpre duas funções importantes: a primeira é a de possibilitar a discussão e o aprimoramento do texto e, a segunda, a de torná-lo conhecido do seu interlocutor.

Aplicações

A leitura em voz alta auxilia o desenvolvimento de bons padrões lingüísticos no aluno, tais como pronúncia correta das palavras, boa articulação, entonação adequada e bom timbre de voz, fluidez na leitura, gesticulação apropriada ao que lê, posição correta do corpo e maneira correta de segurar a folha ou o livro. Além disso, são exigidos o reconhecimento e a compreensão do que está escrito. Para Contreras et al., por meio dessa modalidade de leitura, o aluno cria hábitos adequados para o domínio da leitura silenciosa (1969, p. 72).

A maior importância dessa prática, no entanto, reside no fato de servir como instrumento no ensino da escrita. É uma atividade interligada à reescrita, atividade indispensável na produção escrita do aluno. Segundo Fiad e Myrinsk-Sabinson, a produção de um texto envolve momentos diferentes, como o planejamento, o da própria escrita, o da leitura do próprio texto pelo autor e o das modificações a partir dessa leitura. Não existe o texto acabado, mas ele sempre segue um percurso, havendo sempre a possibilidade de ser continuado e reescrito (1991, p. 55).

A leitura em voz alta, portanto, é indispensável ao processo de reescritura, tendo em vista que o aprendiz, geralmente, tem dificuldades para identificar as próprias falhas que comete na própria escrita. Assim, o aluno lê o próprio texto, submetendo-o à crítica dos colegas, e, com base nas observações feitas, o texto é reconstruído e aprimorado. As mudanças que ele efetua não se restringem a mudanças de ortografia ou correções gramaticais, mas são mudanças que levam, geralmente, a uma maior clareza e organização do texto e a uma adequação ao tipo de texto exigido. Ao reescrever seu texto, o aluno reconsidera uma série de decisões tomadas no início da produção. A reescrita exigirá, portanto, a leitura, a análise, a reflexão e a recriação a partir desse percurso.

Através da leitura em voz alta, o aluno desenvolve também a autocritica de sua produção, identificando as falhas não detectadas com a mera leitura silenciosa. Ela permite ao aprendiz verificar, entre outras, a coerência de sua produção, a construção de frases obscuras, a repetição de palavras e o emprego de vocábulos inadequados, pas-

sando a ter uma construção mais correta, mais adequada, mais coesa e a usar expressões mais claras para o entendimento do leitor. A cada nova leitura, as operações linguísticas realizadas são percebidas com mais clareza e haverá um melhoramento do trabalho do autor, dissipando as eventuais dúvidas e clarificando as suas intenções. A escrita passa a ser vista como um trabalho consciente, planejado e aprimorado.

Guedes refere-se à prática da leitura em voz alta como uma forma de aperfeiçoamento da produção do aluno. Segundo o autor, “o texto é coisa pública, isto é, passível de publicação para leitura e comentário de qualquer leitor” (1994, p. 212). Isso significa que o texto do aluno é lido, ouvido e discutido pelos colegas. Desse modo, ele é colocado diante do problema concreto da interlocução, pois há uma diferença muito grande entre escrever simplesmente para cumprir uma tarefa que o professor mandou e escrever para leitores concretos. Essa diferença leva o aluno a repensar seu texto e a considerar a presença do interlocutor ao produzir outros textos; com isso, produzirá textos mais claros, coerentes e consistentes, proporcionando um melhoramento na escrita.

Essa modalidade de leitura produz bons resultados não somente quando o aluno lê para os colegas, mas também quando simplesmente lê para o professor, no atendimento individual em sala de aula. No momento da leitura, ele já faz a autocorreção, assume seu papel crítico e dispensa, de certo modo, a intervenção do professor. Portanto, é uma atividade que merece lugar de destaque no ensino da escrita.

A prática da leitura em voz alta proporciona, ainda, a desinibição e a autoconfiança

do aluno e, conseqüentemente, sua criatividade.³ Ele passa a construir textos originais, isto é, que revelam uma seqüência discursiva, despertando o interesse no leitor. Com o treino constante, desliga-se dos conceitos preconcebidos a respeito da escrita, de clichês e de alguns modelos prévios que certamente lhes foram impostos no processo escolar. Passa a reconhecer sua competência lingüística, desenvolvendo sua capacidade de escrever um texto como um todo significativo. No início do trabalho, às vezes, o aprendiz pode até demonstrar um certo descontentamento ante as críticas dos colegas, uma vez que não está habituado a ouvi-las. Contudo, com o tempo, ele passa a encarar as observações a respeito de sua produção com naturalidade.

A leitura oral assume vital importância para pontuar melhor um texto. Através dela, há maior facilidade em identificar a localização do uso dos sinais de pontuação, pois as pausas naturais que acontecem no momento da leitura apresentam-se como pistas indicadoras. Podemos dizer, então, que ela supre o desconhecimento das regras normativas de pontuação. E para bem aceitar e explorar essa metodologia, é necessário afastar-se de posturas prescritivas, fazendo o caminho inverso do ensino tradicional, que é ditar regras e decorar. Segundo Smith, o espaço para isso é o texto, e não a frase, porque é nele que as suas múltiplas funções se atualizam plenamente (1993, p. 82). Essa modalidade de leitura, portanto, é um valioso instrumento de ensino a serviço da escrita, utilizando o método natural,⁴ que privilegia, primeiro, a intuição e, só depois, o raciocínio e a reflexão.

A leitura em voz alta de uma obra literária em sala de aula também é significa-

tiva para o melhoramento da produção escrita do aluno, uma vez que, através do contato e da leitura de bons textos, ele aprenderá a manejar melhor seu idioma e sua produção. O professor pode destituir a sala de aula de um clima de repressão, proporcionando momentos de questionamento, de descontração e diálogo. Essa leitura pode iniciar-se em voz alta, podendo ser uma atividade paralela à leitura em casa. Os alunos, durante a leitura, interagem com os colegas e o professor, fazendo interrupções e perguntas a respeito de algo que não entenderam. Com relação ao texto literário, Chippini Leite e Marques afirmam:

Ao habitual clima de repressão da escola, achei necessário criar um ambiente descontraído porque, somente nele, o aluno tem a coragem de interromper quem lê para perguntar o significado de uma palavra, para fazer algum comentário sobre uma situação ou questionar a respeito de alguma alusão que ele não entendeu. [...] Ao conseguir rir com os alunos a graça de um texto, pude perceber o quanto era solitário, empobrecedor e frustrante esconder-me no autoritarismo, fugir do lúdico, viver a indiferença e o medo (1984, p. 48-49).

No trabalho de escrita, portanto, é importante que o professor reflita sobre sua atuação junto aos alunos, reavaliando continuamente seu papel no processo ensino-aprendizagem, privilegiando atividades que promovam o trabalho interativo, partilhando conhecimentos e/ou negociando significados de natureza cooperativa. A aplicação de novas estratégias de ensino, fugindo do rotineiro e encarando desafios, favorecerá a obtenção de melhores resultados.

Prática pedagógica

O planejamento da ação educativa é essencial no trabalho pedagógico. Dada sua

relevância e aplicabilidade, é de vital importância que a leitura em voz alta faça parte do programa do professor de língua portuguesa, uma vez que é uma atividade fundamental no melhoramento da escrita do aluno.

Sabemos que a utilização dessa modalidade de leitura no ensino da escrita não é muito comum entre os professores de ensino médio que trabalham com redação. Em pesquisa realizada em 1996,⁵ dos vinte e cinco professores das escolas de 2º grau de Bento Gonçalves que trabalhavam com a dissertação, constatou-se que 92% não exigiam do aluno a leitura em voz alta do próprio texto e 8% exigiam às vezes. A principal justificativa para a não-adoção dessa metodologia é de que os alunos não gostam de mostrar para os outros o que escrevem. Um professor declarou que nunca havia pensado nisso e julgava que iriam ficar revoltados se assim o fizesse, mas que a pergunta servia de sugestão e iria tentar colocá-la em prática. Os demais professores sugeriam que lessem somente os autores dos melhores textos, ou que lessem os alunos que assim o desejassem (Köche, 1996, p. 142).

O resultado demonstra a ausência de interlocução em sala de aula. Brito afirma que, na situação escolar, existem relações rígidas e definidas: o aluno é obrigado a escrever segundo os padrões estabelecidos e o professor será o principal, ou, talvez, o único leitor de seus textos (1984, p. 112). Desse modo, o discurso do aluno resulta apenas da imagem que segue a ótica do professor do que seja redigir com qualidade.

Oportunizar na sala de aula a leitura em voz alta apenas para os melhores textos não é uma metodologia adequada. Se-

gundo Guedes, é incentivar o exibicionismo do aluno com sensibilidade ibopeana para captar e repetir na próxima redação os truques caídos no gosto do público e para inibir o aluno que não tem certeza se seu próximo texto a respeito do que ele quer se expressar vai fazer o mesmo sucesso, sem falar na inibição dos que nunca tiveram um texto lido em aula (1994, p. 136).

Da mesma forma, aceitar a leitura do próprio texto apenas por parte dos alunos voluntários é cultivar o hábito de desabafar problemas através do texto, não constituindo essa prática o verdadeiro propósito do ensino. Para isso, o aluno pode valer-se de um diário pessoal, a que só ele tem acesso.

Tanto um procedimento como o outro não produzem o menor resultado, pois, como afirma Guedes, favorecer apenas a leitura das melhores produções torna intangível o bom texto a respeito do qual não se incentiva discussão, já que o veredicto está dado; por outro lado, aceitar apenas a leitura dos voluntários desqualifica o texto como tal, pois o que nele interessa é a disposição do autor para falar de sua vida pessoal, como se diz, “privada” (1994, p. 136). É necessário, portanto, que o professor repense o ensino da escrita.

O melhoramento da escrita só é alcançado mediante o trabalho pedagógico do professor que leve o aluno a assumir mais responsabilidade pelo próprio aprendizado. Segundo Freire, “ensinar não é *transferir* conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou sua construção” (2001, p. 24-25). Assim, o aprendiz necessita de um espaço para discutir o próprio texto e o do colega, ouvindo e opinando a respeito de seus problemas, de seus erros e de suas qualidades.

A produção do aluno passa por um momento de reflexão e de questionamento, que o conduz ao reconhecimento de suas falhas. O texto será o resultado de um trabalho dinâmico, da interação com os colegas, compartilhando conhecimentos, no aperfeiçoamento de sua produção. O professor serve de mediador para a construção dos sentidos, estimulando a discussão, orientando e cooperando para que o aluno potencialize seu próprio discurso.⁶

Isso, entretanto, só se efetivará se o professor estabelecer objetivos definidos e critérios claros de avaliação. A definição dos objetivos é o ponto de partida no ensino da escrita. O aluno só terá sucesso na produção de seu conhecimento se souber a direção a tomar, as etapas a vencer e aonde chegar. A clareza na formulação dos objetivos facilitará o trabalho de avaliação.

Por sua vez, os critérios de avaliação estão intimamente relacionados aos objetivos propostos. Para que ensinar a escrita aos alunos? A resposta ao *para que ensinar* (objetivos) dará a resposta a *o quê e como avaliar* (critérios). Se linguagem é concebida como uma forma de interação entre as pessoas, o professor favorecerá a interlocução na sala de aula, respeitando a palavra do aluno: concordando, discordando e questionando sua produção. É de suma importância que os critérios sejam explicitados pelo professor, no sentido de orientar o aprendiz, de modo preciso, no aperfeiçoamento da escrita, e para que possa tomar conhecimento de suas falhas e do que se espera que ele produza. Além disso, ele entenderá por que é importante a atividade da leitura em voz alta do próprio texto, qual é sua finalidade e o que é levado em conta na avaliação.

É importante que o planejamento fique claro para o aluno a fim de que ele participe, dê opiniões e direcione seus esforços na direção dos objetivos propostos. A aprendizagem da escrita dependerá do próprio esforço, da clareza e da direção do trabalho do professor.

Considerações finais

É importante que a aula de produção textual seja um lugar onde o aluno tenha direito e dever à palavra, assumindo-se como autor de seu pensar e escrever, com o compromisso de tornar-se inteligível para seus interlocutores. Assim, num processo cooperativo entre autor e leitor, ele se empenhará ao máximo para tornar sua escrita clara, precisa, concisa e coerente. Ele escreverá não somente a partir de seus objetivos, mas a partir das perspectivas de leitor. Desse modo, a leitura oral do próprio texto em sala de aula resgata a discursividade e a responsabilidade do autor para com o leitor. A discussão do texto que acontece após a leitura, privilegiando seu conteúdo, contribuirá para uma aprendizagem mais eficiente da escrita.

A prática da leitura em voz alta, portanto, é um recurso de grande valia no trabalho pedagógico, trazendo benefícios quer do ponto de vista afetivo, quer do instrumental; contribui na formação do leitor, colocando-o numa situação concreta de interlocução e no desenvolvimento global de sua capacidade comunicativa; favorece uma relação dialógica na sala de aula, valorizando o texto do aluno; melhora a produção escrita tanto no nível de correção linguística, como no nível de coerência, porque obriga a manter o processo de reescritura.

Acreditamos que utilizar a leitura em voz alta é melhorar o ensino da escrita.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1981.
- BRITO, Percival Leme. Em terra de surdos-mudos (um estudo sobre as condições de produção de textos escolares). In: GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula*. 8. ed. Cascavel: Assoeste, 1984.
- CONTRERAS, Amparo et al. *Didáctica de la lectura oral y silenciosa*. 3. ed. México: Oasis, 1969.
- FIAD, Raquel Salek; MAYRINK-SABINSON, Maria Laura Trindade. A escrita como trabalho. In: *Questões de Linguagem*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1993, p. 54-63.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- GUEDES, Paulo C. *Ensinar português é ensinar a escrever literatura brasileira*. Tese (doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.
- KÖCHE, Vanilda Salton. *O ensino da dissertação nas escolas de 2º grau de Bento Gonçalves: características, problemas e alternativas de solução*. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.
- LEITE, Lígia Chippini Moraes; MARQUES, Regina Maria Hübner. Ao pé do texto na sala. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). *Leitura em crise na escola*. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984, p. 37-51.
- LUFT, Celso Pedro. Por um ensino natural da gramática. In: SEMINÁRIO INTEGRADO DE ENSINO DE LÍNGUAS E LITERATURA, VI. *Anais...* Porto Alegre: PUCRS/Yásigi, p. 36-45, 1990.
- MESERANI, Samir. *O intertexto escolar: sobre leitura, aula e redação*. São Paulo: Cortez, 1995.
- SMITH, Marisa Magnus. A pontuação como ponto de convergência entre leitor e escritor. *Letras de hoje*, Porto Alegre: PUCRS, 94, p. 53-84, 1993.

Notas

- ² As traduções de Contreras et al. são de responsabilidade da autora.
- ³ A criatividade é entendida como uma manifestação original eficaz. O original em si, o novo pelo novo não será considerado criativo, sendo, na maioria das vezes, mera manifestação de extravagância (Meserani, 1995, p. 138).
- ⁴ Luft afirma que uma pessoa pode chegar a manejar seu idioma, mediante conhecimento e domínio dele apenas intuitivo (gramática implícita), pela vivência natural e espontânea com a linguagem, com muita leitura, muita exposição a bons textos e muita escrita. Segundo ele, a escola é o lugar de conscientização; o aluno deve tomar consciência de seus poderes de linguagem, de sua dupla competência linguística - inata e adquirida (1990, p. 44).
- ⁵ Pesquisa científica: dissertação de mestrado - *O ensino da dissertação nas escolas de 2º grau de Bento Gonçalves: características, problemas, e alternativas de solução*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.
- ⁶ Geraldi afirma que a "construção de um texto só se dá por operações discursivas com as quais, utilizando-se da língua que é uma sistematização aberta, o locutor faz uma proposta de compreensão a seu interlocutor" (1993, p. 194).